



Valéria Arantes (org.), Sonia Penin e Miquel Martínez. *Profissão docente: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus Editorial, 2009, 139 págs. ISBN: 978-85-323-0502-2.

PARA ONDE VAI A PROFISSÃO DOCENTE?

Partindo do postulado de Manuel Castells de que estamos vivendo uma mudança de época e não uma época de mudanças, é preciso admitir que os apelos do nosso mundo impõem a necessidade da revisão do modelo educativo e, particularmente, do papel do professor. Afinal, como compreender a complexidade da profissão docente no contexto do atual momento histórico e em face da pluralidade dos cenários socioculturais? Quais as metas e frentes de trabalho que hoje norteiam a prática educativa? E, pensando nos desafios que aí se colocam, cabe ainda perguntar: como lidar com as regularidades e as incertezas inerentes ao trabalho realizado no âmbito da escola? No que consiste a formação do professor e como projetá-la na direção de um ensino de qualidade e da transformação das práticas educativas?

O enfrentamento competente e até audacioso desta temática resultou na publicação da obra *Profissão docente: pontos e contrapontos* (São Paulo, Summus, 2009), o sexto volume da coleção *Pontos e contrapontos*, organizada por Valéria Amorim Arantes, professora da Universidade de São Paulo (Brasil). Incorporando um estilo dinâmico, capaz de resgatar o que há de mais profícuo no debate acadêmico, o livro segue a linha dos outros títulos da série, configurando-se como um texto instigante e provocador. Da autoria de dois renomados educadores, Sonia Penin, professora e atual diretora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Brasil) e Miquel Martínez, professor catedrático da Universidade de Barcelona (Espanha), a obra representa uma oportunidade ímpar para a reflexão sobre a realidade do professor: os desafios profissionais, as condições objetivas e subjetivas do trabalho e a relação com os fatores de satisfação e sucesso, a constituição do processo formativo e a representação social deste profissional, a qual, nos últimos anos, evoluiu para uma progressiva desvalorização.

Defendendo a constituição profissional do docente em consonância com as demandas da escola e da cultura contemporânea, Penin chama a atenção para a complexidade do processo formativo, entendido pela intrincada relação entre a profissionalização e a profissionalidade. O primeiro, traduzido pela longa trajetória que parte da formação inicial, atravessando todos os momentos de formação continuada, diz respeito ao conjunto de iniciativas, mais ou menos formalizadas, que se traduzem tanto pela assimilação conceitual e teórica, quanto pela progressiva inserção do sujeito no universo da Educação. O segundo diz respeito à fusão dos termos «profissão» e «personalidade», situando a profissionalidade como uma condição que se imprime na identidade do sujeito e, de forma dinâmica, condiciona um certo modo de ser e de se relacionar com o mundo. Trata-se, pois, de um complexo processo formativo que se constrói pelo permanente encontro (ou confronto) entre o concebido e o vivido; um processo que, por este motivo, é, simultaneamente, transformador da realidade e do próprio sujeito.

Com esta perspectiva, a autora amplia a compreensão sobre a condição de ser professor, redimensionando o seu papel na busca de um ensino de qualidade. De fato, o esforço, tantas vezes empreendido em iniciativas de capacitação docente, para «encher a cabeça» do professor com as informações conceituais ou metodológicas que supostamente lhe faltassem, hoje não se sustenta. Em lugar disto, a autora, sem desmerecer o conhecimento formalizado pelos cursos universitários ou de extensão, defende a possibilidade de se aprender também com a realidade vivida, lidando, no cotidiano da vida escolar, com os conflitos e os significados que brotam das experiências singulares. Pelo fato de favorecer uma reflexão contextualizada sobre o exercício profissional, o posicionamento crítico sobre a vida escolar, válido em si mesmo, estende o seu potencial formativo, criando alternativas também para o enfrentamento responsável das condições limitantes do trabalho docente e dos fatores de insatisfação que, tão frequentemente, associam-se aos prejuízos educacionais ou até ao comprometimento da saúde dos docentes. Desta forma, os educadores podem encontrar caminhos para lidar, por exemplo, com as dificuldades associadas à implementação do projeto pedagógico, ao distanciamento das famílias, à violência e às drogas na escola, ao mau desempenho dos alunos, à falta de identidade da instituição, fatores que, isoladamente ou em conjunto, afetam o equilíbrio da profissionalidade docente.

Nesse sentido, parece fundamental defender a aproximação da universidade com a escola, as práticas de estudo e pesquisa com a vida

profissional. É assim que os conceitos teoricamente cristalizados ou as crenças arraigadas por força da tradição escolar podem ser desestabilizados em benefício da construção de uma nova escola. Travados no contexto escolar, o diálogo, a reflexão sobre o vivido e o enfrentamento das dificuldades não só promovem a possibilidade de o professor se abrir para a compreensão da sua realidade, comprometendo-se com a conjuntura específica do seu trabalho na escola, como também de se assumir como protagonista no exercício da profissão e sujeito do próprio processo formativo.

Em sintonia com a abordagem de Penin, Martínez defende a reestruturação da tarefa pedagógica à luz dos desafios do nosso mundo, postulando que, definitivamente, não se trata mais de atualizar os conhecimentos do profissional da educação. Ao assumir o seu compromisso social de aumentar a densidade cultural da população, a ação docente se coloca na raiz das contradições de nosso tempo: a sociedade globalizada marcada pela forte tendência ao individualismo; a sociedade plural regida pelas práticas monistas, preconceituosas e intolerantes; a sociedade que apregoa os princípios democráticos, mas pouco investe no cultivo da autonomia, da competência argumentativa e do valor da diversidade; a sociedade da tecnologia em face da inabilidade para administrar os recursos; a sociedade marcada por iniciativas de avaliação que, tantas vezes, se conformam com as simples práticas de medição; a sociedade das polêmicas e controvérsias, que se choca com a frequente incapacidade dos sujeitos de adotar posturas e tomar decisões com base em critérios próprios; a sociedade da comunicação no contexto da incapacidade para o diálogo; a sociedade do conhecimento que valoriza excessivamente o valor instrumental das coisas; a sociedade da informação no contexto de uma população desinformada; a sociedade do saber que não comporta espaço para os valores e os sentimentos...

Frente a este cenário, dois aspectos merecem destaque. Em primeiro lugar, a necessidade de o professor considerar o seu trabalho a partir das discontinuidades, isto é, a falta de sintonia entre os diversos agentes educacionais como a família, a mídia e a escola. A responsabilidade social dos professores perante a formação de nossos jovens se impõe independentemente de suas origens sociais, culturais ou familiares porque, afinal, todos têm direito à educação. Assim, embora a família desempenhe um papel fundamental na educação dos filhos, não se pode contar sempre com a sua cumplicidade e colaboração. Antes disso, devemos supor a possibilidade de atingir também a família pelo esforço educativo.

Em segundo lugar, importa considerar a tensão que tantas vezes se coloca entre um ensino enciclopédico, sem o qual a escola poderia estar perdendo o seu rigor, e a formação mais ampla que, superando o campo restrito do saber, possa contemplar as demandas da nossa sociedade. A superação desta dicotomia e, obviamente, da insegurança que ela possa representar para o trabalho docente, não se conquista senão pela clareza das metas a serem alcançadas com o esforço educativo. Entre tantos objetivos, o autor chama a atenção para as seguintes metas que lhe parecem fundamentais: a necessidade de os alunos serem capazes de construir uma vida sustentável, tomando como base uma formação integral que lhes permita controlar os seus caminhos; a importância de se promoverem critérios para a tomada de decisões; e, finalmente, a valorização e busca da felicidade assim como da dignidade. Ao defender a autonomia do aluno pela valorização dos sentimentos, da competência argumentativa e dos valores, o autor reconfigura o espaço escolar, acreditando na possibilidade de se aprender a ser feliz.

O conjunto da argumentação nos permite afirmar que as condições paradoxais de nossa sociedade, as inúmeras demandas do nosso mundo, as descontinuidades entre os agentes educacionais, a heterogeneidade dos contextos culturais de nossos alunos e os dilemas próprios da intervenção docente explicam a complexidade do trabalho do professor apontando, ao mesmo tempo, a sua natureza: trata-se de uma tarefa orientada para a busca de recursos que regulam os processos e, no dia a dia, constroem soluções, o que certamente se opõe às práticas de comando, controle e poder centradas em um rol de respostas preestabelecidas. Nas palavras de Martínez, «educar é uma tarefa sobretudo logística que consiste em criar condições».

Entre tantas reflexões que emergem do rico debate travado por Miquel Martínez e Sonia Penin, somos levados a considerar a tensão entre a regularidade e as incertezas no trabalho do professor. Como um conflito historicamente associado à tarefa educacional, as oscilações entre o previsível e o inesperado assumiram, recentemente, um sentido mais forte, dada a velocidade das transformações sociais e o intenso dinamismo do nosso tempo. Mais do que nunca, a ação do professor se encontra na encruzilhada entre o conhecimento técnico e a subjetiva tomada de decisão. Por isso, o que hoje se coloca em pauta é não só uma formação capaz de otimizar as práticas rotineiras da escola (como o planejamento, as proposições didáticas e a organização do tempo e espaço escolar), como também a experiência calcada na cultura profissional que subsidie a tomada de atitude em diferentes situações. Se, por

um lado, o professor pode se guiar pelos valores perenes que motivam as metas educacionais, por outro, ele não pode desconsiderar a singularidade das situações tomadas na sua complexidade.

Na análise desta conjuntura, é possível situar três aspectos privilegiados que, no contexto do debate, marcam os desafios do professor, as perspectivas de um ensino de qualidade e as possibilidades de transformar a educação.

Em primeiro lugar, o fortalecimento do trabalho coletivo na escola configura-se como uma necessidade primordial já que o projeto pedagógico não pode existir na dependência de ações individuais. Apenas na prática tecida e implementada pelo conjunto de professores é que se pode contemplar a singularidade de cada instituição e, assim, promover a coerência da proposta educativa, o envolvimento e a responsabilidade de toda a equipe escolar, o enfrentamento das dificuldades didáticas e a sintonia entre a prática pedagógica e o perfil do aluno (suas necessidades sociais e valores culturais). Além da sustentação das metas especificamente pedagógicas, o trabalho coletivo realizado no âmbito da escola tem potencial para incidir sobre as iniciativas de formação continuada e sobre a avaliação mais significativa do funcionamento da instituição. Desta forma, pode também representar a superação da condição de isolamento de tantos professores que, fragilizados pela insegurança ou pela pressão excessiva, perdem a motivação e, até mesmo, a identidade profissional.

A conquista do trabalho coletivo representa, contudo, parte de um desafio mais amplo que é a mudança da cultura escolar. Este segundo aspecto é explicado pela necessidade da constituição de um novo olhar do professor capaz de lidar com a complexidade da situação educativa para a construção de uma escola de qualidade: ensinar e avaliar; instruir e acolher, respeitando as diferenças; falar e escutar; aprender e usar o conhecimento; conhecer e posicionar-se perante o mundo, propor e reformular, disponibilizando-se sempre para a mudança; tomar decisões e assumir posturas; definir metas e construir a sua viabilidade; planejar e implementar; falhar e recomeçar sob novas bases de atuação; compreender argumentos e considerar valores; estimar a razão sem perder de vista os sentimentos; pensar não somente o currículo mas também a função docente. No contexto da vida escolar, as pequenas atitudes, subsidiadas pelo compromisso e consciência crítica, podem tecer redes de renovação e mudança. Necessariamente, tudo começa com um novo olhar.

Finalmente, com base nas reflexões feitas, urge considerar a tarefa docente não como uma ocupação (atividade remunerada que garante a sobrevivência) nem como um ofício (função para a qual as pessoas se preparam tecnicamente), mas como o exercício profissional de quem supera a tarefa do bem ensinar. À competência e à especialidade do professor, agregam-se a formação humanista calcada em um amplo espectro cultural e o compromisso ético e político que lhe permitem tomar decisões e enfrentar os desafios do nosso mundo. É neste sentido que se pode, efetivamente, compreender o papel do professor e valorizar a profissão docente.

*Silvia M. Gasparian Colello
Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo (Brasil)*